

---

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO DE ENSINO  
OCTÁVIO BASTOS - UNIFEOB**

Laura Guerra Casal de Rey Peretto - 23000339

Lucas Matheus Farrampa Duarte - 23001498

Márcio André Lopes Zenzi - 23000128

Maria Eduarda Silvério Rodrigues - 23000172

Mario Arpaia Neto - 23000199

Raphaela Quilice Victorino Silva - 23001396

**MUSEU DA PESSOA DO CAMPO: O EU NA  
SOCIEDADE**

**São João da Boa Vista/SP**

**2023**

---

## RESUMO

O artigo analisa em paralelo a popularização das narrativas de vida como forma de ouvir a voz dos que têm sido silenciados e os aspectos psicossocioculturais do meio rural, e consequente formação de estereótipos. Por meio de revisão bibliográfica, é realizado breve histórico do advento da história, suas diferenças e convergências com a micro-história, as implicações éticas da entrevista, em especial, a proteção da imagem e das palavras do entrevistado. Em relação aos aspectos psicossocioculturais do ambiente rural, são revistos artigos que constataram a situação de segregação, estigmatização e humilhação social. Quanto às mulheres e às crianças, os artigos revistos apontam para agravamento da situação de subalternização, diante do acréscimo do afastamento geográfico às condições encontradas em outros contextos. Como forma de intervenção, são analisadas as possíveis contribuições da Psicologia Social e a importância do autoconhecimento como forma de aprimoramento da autoestima e autoconhecimento, conforme proposto pela Análise do Comportamento. Cumpridos os objetivos propostos de identificação da influência dos estereótipos na recepção social e na autopercepção do trabalhador e de exame das contribuições possíveis das Ciências Sociais, da Psicologia Social, da Análise do Comportamento e da Ética, para a compreensão e valorização das vivências das pessoas do campo, confirma-se a possibilidade de emprego das narrativas de vida como forma de promover a valorização de pessoas estigmatizadas, colaborando para seu autoconhecimento e melhorando as condições de previsão e controle do próprio comportamento. Dessa forma, conclui-se que há diferenças entre os moradores urbanos e rurais, sendo os últimos desfavorecidos em alguns pontos citados no texto. A fim de reverter o situação analisada propõe-se a realização de gravações de relatos de trabalhadores rurais.

**Palavras-chave:** Trabalhador Rural; Psicologia Social; Análise do Comportamento; Ética; Narrativas de vidas.

## **I. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA**

Este trabalho surge da constatação de duas situações aparentemente independentes: a popularização de iniciativas de registros de histórias orais e narrativas de vida, dentre as quais se destaca o Museu da Pessoa, e a importância do meio rural no contexto econômico-social. Do aparente distanciamento entre os dois fatos, é possível a identificação de uma situação problemática: a escassez de registros individuais de vivências em ambiente rural e, conseqüentemente, de reflexões sobre essas mesmas vivências sob as óticas da psicologia e das ciências sociais.

Em primeiro lugar, destaca-se o papel que as narrativas desempenham na ampliação do conhecimento da realidade, pois multiplicam as versões, dando voz àqueles que não têm merecido destaque nos livros de histórias estudados em salas de aulas, mas cujas memórias, marcadas em seus familiares e conhecidos, e resgatadas nos registros dos pesquisadores de narrativas de vida, restituem o caráter simbólico da palavra que, como pontuam Veiga e Alves (2020, p. 4), é impregnado de conhecimento. O registro dessas narrativas tem ainda o mérito de diminuir os efeitos da propagação das versões forjadas pelas ideologias dominadoras, principalmente o de silenciar as singularidades dos indivíduos que viveram os períodos estudados, mas sobre os quais nada falaram.

Nesse ponto, o modelo do Museu da Pessoa (MP) mostra seu acerto, pois empenhado na recriação da história que tem sido contada apenas pelos vencedores. Henriques e Lara (2021, p. 213) destacam as quatro ações principais do Museu da Pessoa (registro, preservação, divulgação de histórias de vida e disseminação de metodologias). Com essa prática, o MP tem permitido o resgate de histórias, individuais e coletivas, que ao longo do tempo foram constantemente ignoradas, justificando-se, portanto, ser tomado como parâmetro.

Em relação ao contexto rural brasileiro, seu estudo se faz necessário para análise e confronto de ideias preconcebidas e divulgadas sem reflexão crítica e a realidade encontrada por aquele que nele vive e trabalha, desfazendo-se, assim os equívocos das estereotípias, seja da que o associa ao atraso mais antigo ou da que o vincula ao avanço mais extraordinário da sociedade, pois, conforme registram Fernandes, Zakabi e Calegare (2016, p. 294), o meio rural pode comportar vivências

cerceadas pelo pertencimento étnico-racial e territorial como possibilidade de reconhecimento junto aos seus iguais e, simultaneamente, tomadas pelas forças de opressão e dominação social. O ambiente rural é provavelmente aquele em que as tradições de um tempo regrado pelo ritmo da natureza e outro, acelerado pelas tecnologias, convivem (Santos; Merlo, 2019, p. 206), nem sempre pacificamente.

Desse embate entre tempos que coabitam um mesmo espaço, mudanças são engendradas. Essas alterações implicam reciprocamente o homem e a sociedade, confirmando a lição de Bosi (1993, p. 281) de que o tempo é vivido diferentemente por cada classe e por cada pessoa. Mostra-se, portanto, inescapável o acesso às reflexões das ciências sociais para enriquecer a compreensão de uma narrativa de vida, bem como para nessa narrativa confirmar, ou não, os avanços obtidos naqueles campos de estudo.

Por fim, as relações entre indivíduos implicam a sociedade e, por consequência, a compreensão dessas relações exige, além do auxílio das ciências sociais, que se recorra a vários ramos dos estudos psicológicos, dentre os quais é possível destacar a Psicologia Social, por estudar o fator relacional entre o eu e outro (Malvezzi, 2017, p. 248), a Análise do Comportamento, pela possibilidade de uma reinterpretação dos fenômenos psicológicos (De Rose, 2012, p. 189), e da Ética, uma vez que a desejada postura de respeito diante do outro (Dias; Rego, 2020, p. 5) se revela indispensável quando o intuito é registrar sua história.

## **II. OBJETIVOS**

O seguinte artigo tem como objetivo geral desenvolver pesquisas sobre as circunstâncias psicossocioculturais do trabalho rural.

Por outro lado, os objetivos específicos são:

- Identificar a influência dos estereótipos referentes ao trabalhador rural na recepção e tratamento do trabalhador pelos outros e no seu autoconhecimento;
- Examinar as contribuições das Ciências Sociais, da Psicologia Social, da Análise do Comportamento e da Ética, para a compreensão e valorização das vivências das pessoas do campo.
- Realizar o registro de narrativa de vida de trabalhador rural.

### **III. METODOLOGIA**

Para alcançar os objetivos acima indicados, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre os principais temas envolvidos, a saber: história oral, narrativas de vida, condições sociais do trabalho rural, entrevistas, escuta ativa, ética do entrevistador. Em tal pesquisa, foram buscados artigos e livros que articulem os temas acima com as áreas do conhecimento que se ocupam dos fatores psicossocioculturais, destacando-se a Ética Profissional, a Psicologia Social, a Análise do Comportamento e as Ciências Sociais.

Efetuada o levantamento bibliográfico, foi realizada entrevista com informante que vivencie o contexto rural para elaboração do registro oral de sua história, observando-se as diretrizes éticas concernentes às práticas de escuta e aos direitos fundamentais (imagem e privacidade).

Por fim, foi realizada análise comparativa entre as informações coletadas nos artigos do levantamento bibliográfico e as percepções individuais do informante.

### **IV. RESULTADOS ESPERADOS**

Com este trabalho, espera-se contribuir para a construção de saberes referentes à vida do trabalhador do campo, reconhecer as contribuições que o modo de vida rural apresenta para o contexto urbano, tanto por seus elementos culturais quanto por suas práticas sociais e, assim, contribuir com o desfazimento de paradigmas preconceituosos e mistificações.

Com base nas comunicações realizadas em forma de entrevistas, pretende-se dar voz a um representante de um grupo social sobre o qual há muitos estereótipos e, dessa forma, valorizar as histórias de vida do trabalhador rural por meio da exposição do cotidiano, de conquistas e desafios sob a sua própria ótica.

Como materialização dessa valorização, pretende-se realizar um produto cultural, que será constituído de uma narrativa a ser apresentada ao informante e pela qual ele possa se sentir representado.

### **V. REFERENCIAL TEÓRICO**

Os dois eixos desta pesquisa - a história oral e as narrativas de vida, por um lado, e os aspectos psicossocioculturais, da vida em meio rural, por outro - repetem uma relação dialética em que se implicam reciprocamente o indivíduo e a sociedade. O levantamento bibliográfico, portanto, retratou aspectos dessa implicação. Para melhor exposição, foram separados os resultados obtidos a respeito de cada um desses eixos. Em seguida, é relatada a experiência do registro de uma narrativa de vida de informante ligado ao meio rural.

### **V. I. HISTÓRIA ORAL E NARRATIVAS DE VIDA**

Caselatto (2014) aponta que, a despeito das restrições colocadas por seus adeptos, as práticas da história oral e da micro-história se desenvolvem no mesmo contexto (os anos 1960) e se servem das mesmas estratégias. Conforme registra: “Se gli oralisti incontrano la microstoria quando ancora non c’era, i microstorici frequentano le fonti orali ancor prima che venissero definite tali” (p. 252).

O mesmo autor indica que é no fim dos anos 1970 que “si stabilizzano le reti e i luoghi di elaborazione delle pratiche che cominciano a definirsi esplicitamente come microstoria e storia orale” (p. 259).

Sobre o desenvolvimento da micro-história, Carneiro (2020) estabelece que uma das principais críticas de historiadores como Levi, Grendi e Ginzburg a seus antecessores é a constatação da proliferação da denominada *biografia modal*, que seria um modelo biográfico em que

(...) a análise do sujeito histórico somente teria valor na medida em que ilustrasse o coletivo. O singular seria um caminho de entrada no geral e o sujeito biografado visto, inconscientemente talvez, como um tipo ideal weberiano do seu universo cultural; universo este que serviria de pano de fundo para a construção da vida registrada pelo historiador-biógrafo (p. 214).

Segundo Carneiro, o desenvolvimento da micro-história italiana teria permitido o estabelecimento de uma nova orientação da História Social, em que se delineiam as modificações mútuas entre sociedade e indivíduo. O autor, anota, por exemplo, que

[para Gribaudi](...) um percurso individual se apresenta como o desenvolvimento de um ser orgânico totalmente imerso no espaço social e determinado pelas relações ali presentes. A identidade é apreendida não como um estado determinado a partir de uma origem ou adquirido ao final de um percurso, mas, acima de tudo, nos termos de um processo no curso

do qual há mudanças não somente do indivíduo, mas também do espaço social no qual ele se inscreve. Ao não cair no erro de tomar o indivíduo e o contexto como duas entidades separadas, Gribaudi apreende a natureza do espaço social através dos usos concretos feitos pelos indivíduos que o compõem. O indivíduo e o espaço social evoluem e se modificam mutuamente, sendo um parte do outro (p. 227).

Destaca, ainda, Carneiro a influência de Walter Benjamin na postura de Gribaudi, que sugere que a historicidade “como uma constelação de diferentes elementos que formam, em sua relação recíproca, uma coerência única e específica” (p. 228).

Nesse contexto de estabilização de duas novas abordagens historiográficas, Casellato ressalta que a diferenciação que Levi, representante destacado da micro-história, realiza entre esta e a história oral: a divisão entre a visão e a escuta, entre o olho e ouvido (p 268), aproximando a micro-história ao romance e a história oral à épica (p. 271).

Retomando a crítica de Levi com que inicia seu artigo - a de que o testemunho é sempre falho -, Casellato diferencia o micro-historiador do historiador oral como pesquisadores controladores do discurso, de um lado, e abertos à interpretação, por outro:

(...) se il microstorico pone una distanza tra sé e l'oggetto che studia, per poterlo osservare, lo storico orale deve avvicinarlo, per sentirlo, e farsene almeno un po' compenetrare, per ascoltarlo; se il microstorico — semplificando — è uno scienziato sociale che vuole mantenere il pieno controllo sulla sua ricerca, sul discorso che ne deriva e sui suoi significati, lo storico orale è invece disponibile — o obbligato dalla natura stessa delle sue fonti, dialogiche e sempre eccedenti rispetto alle sue domande — a riconoscere che il cerchio della spiegazione della realtà non è mai del tutto chiuso: nel suo modo di argomentare, attraverso lunghe citazioni delle narrazioni altrui, egli incorpora altre possibili spiegazioni, che “lasciano spazio anche all'autointerpretazione dei narratori” (269-270).

Dessa clivagem, é possível constatar que as narrativas de vida se aproximam muito da prática dos historiadores orais. A edição eletrônica da *Encyclopedia Columbia* aponta para o fato de que a popularização de gravadores nos anos 1960 se mostrou determinante para a prática investigativa da história oral. É de se destacar no verbete que segue transcrito abaixo que (1) as fontes orais possibilitam a obtenção de perspectivas que não são encontradas nas fontes escritas, e que (2) o emprego dessa metodologia para documentar movimentos surgidos na efervescência dos anos 1960 e 1970 - movimentos que testemunham a imbricação entre sociedade e indivíduo. O verbete diz:

História oral, compilação de dados históricos através de entrevistas, geralmente gravadas em cassete e por vezes em vídeo, com participantes ou observadores de acontecimentos ou épocas importantes. As sociedades primitivas há muito que recorrem à tradição oral para preservar um registo do passado na ausência de histórias escritas. Na sociedade ocidental, a utilização de material oral remonta aos primeiros historiadores gregos Heródoto (na sua História das Guerras Persas) e Tucídides (na sua História da Guerra do Peloponeso), que recorreram amplamente a relatos orais de testemunhas. O conceito moderno de história oral foi desenvolvido na década de 1940 por Allan Nevins e os seus colaboradores da Universidade de Columbia. Na criação de histórias orais, são realizadas entrevistas para obter informações de diferentes perspectivas, muitas das quais não estão frequentemente disponíveis em fontes escritas. Estes materiais fornecem dados sobre indivíduos, famílias, acontecimentos importantes ou a vida quotidiana.

A disciplina ganhou vida própria na década de 1960 e no início da década de 1970, quando se dispunha de gravadores baratos para documentar movimentos sociais como os direitos civis, o feminismo e os protestos contra a Guerra do Vietname. Autores como Studs Terkel, Alex Haley e Oscar Lewis utilizaram a história oral nos seus livros, muitos dos quais se baseiam em grande parte em entrevistas. Noutro exemplo importante do género, foi compilado na Escola de Música de Yale um enorme arquivo sobre a história oral da música americana. A história oral tornou-se uma disciplina respeitada em muitas faculdades e universidades no final do século XX, quando o historiador italiano Alessandro Portelli e os seus colaboradores começaram a estudar o papel que a própria memória, correcta ou defeituosa, desempenha nos temas e estruturas da história oral. Os seus trabalhos publicados tornaram-se, desde então, material de referência neste domínio, e muitos historiadores orais incluem agora na sua investigação o estudo da memória subjectiva das pessoas que entrevistam. (Tradução nossa).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> oral history, compilation of historical data through interviews, usually tape-recorded and sometimes videotaped, with participants in, or observers of, significant events or times. Primitive societies have long relied on oral tradition to preserve a record of the past in the absence of written histories. In Western society, the use of oral material goes back to the early Greek historians Herodotus (in his history of the Persian Wars) and Thucydides (in his History of the Peloponnesian War), both of whom made extensive use of oral reports from witnesses. The modern concept of oral history was developed in the 1940s by Allan Nevins and his associates at Columbia Univ. In creating oral histories, interviews are conducted to obtain information from different perspectives, many of which are often unavailable from written sources. Such materials provide data on individuals, families, important events, or day-to-day life.

The discipline came into its own in the 1960s and early 70s when inexpensive tape recorders were available to document such social movements as civil rights, feminism, and anti-Vietnam War protest. Authors such as Studs Terkel, Alex Haley, and Oscar Lewis employed oral history in their books, many of which are largely based on interviews. In another important example of the genre, a massive archive covering the oral history of American music was compiled at the Yale School of Music. Oral history had become a respected discipline in many colleges and universities by the end of the 20th cent., when the Italian historian Alessandro Portelli and his associates began to study the role that memory itself, whether accurate or faulty, plays in the themes and structures of oral history. Their published work has since become standard material in the field, and many oral historians now include in their research the study of the subjective memory of the persons they interview.

Deve ser sublinhada a menção ao papel destacado de Portelli na história oral. Tal referência confere maior interesse às reflexões desse autor sobre os aspectos éticos da entrevista, conforme será visto oportunamente.

No diálogo interdisciplinar estabelecido entre a história oral e a psicologia, Veiga e Alves (2020, p. 03) afirmam que “a narrativa de história de vida, como metodologia utilizada na psicologia social, tem início no ato de uma conversa livre e simples, como aquelas entre amigos que se encontram fortuitamente”.

Destacam também que “os não-ditos são tão imprescindíveis quanto os eventos acessados pela memória, com mais destaque para a subjetividade do que à objetividade dos fatos”. (p. 02) Os autores retomam a diferenciação benjaminiana entre vivências e experiências e recomendam que

(...) aquele que escuta uma história de vida deve tomar cuidado em não recolher, daquele que a conta, a notícia, mas a experiência, com o risco de fazer o próprio relato diminuir a força desta última (p. 5).

Delgado (2007) indica a memória como base construtora de identidades e solidificadora de consciências individuais e coletivas (p. 38) e enumera as diferentes camadas da narrativa:

Por ser uma experiência através da qual se compartilha o registro das lembranças, a narrativa constitui-se em processo compartilhado, que inclui em si as seguintes dimensões: estímulo ao narrar, ato de contar e relembrar e disponibilidade para escutar (p.44).

Registrar narrativas de vida, como se percebe na leitura dos textos sumarizados até aqui, é tarefa de grande complexidade e que produz consequências nas relações entre indivíduo e sociedade. Nesse contexto, iniciativa de amplo sucesso é a do Museu da Pessoa, que se destaca por várias manifestações de seu pioneirismo, conforme pontuam Henriques e Lara (2021):

O Museu da Pessoa é um museu virtual criado em São Paulo em 1991, sendo uma experiência nova na museologia daquele período. Nova experiência, não somente por seu caráter virtual, o que era uma novidade para um museu surgido antes da internet comercial (1994), mas pela especificidade de sua configuração, pois desde o seu início se apresentou como um museu aberto à participação de qualquer pessoa (p. 213).

Os autores relatam que esse pioneirismo se manteve numa crescente evolução da curadoria do museu, que, por meio da interatividade e da produção

colaborativa descentralizada, potencializou o protagonismo do usuário, que passou de visitante a produtor (p. 218).

Esse chamamento à disseminação da produção justifica a menção específica do caso Museu da Pessoa dentro das inúmeras iniciativas de registro de narrativas de vida, pois sua posição de vanguarda estimulou a pluralidade de produtores, servindo de modelo para iniciativas mais recentes, em que a popularização dos meios digitais repete o papel dinamizador exercido pela proliferação de gravadores nos anos 1960, conforme apontado acima.

Além disso, a inovação na forma de elaboração de conteúdo em exposição registrada por Henriques e Lara (2021) reforça a importância da “musealização de histórias das pessoas anônimas, sistematicamente excluídas da historiografia e mídias tradicionais, como jornais e televisão” que Jorente e Kahn (2019) apontam, sublinhando também a importância da informatização nesse processo:

Apenas a partir de sua representação, histórias de vida são narradas, representadas, tornando-se evidências: simulacros informacionais tangíveis que testemunham um modo de ser e fazer de um tempo a partir de uma plataforma e sua Curadoria Digital (p. 18-19).

A referência aos “simulacros informacionais” remete à problematização exposta por Spivak (2010) entre as formas de representação: a política ou por procuração (*Vertretung*) e a encenação (*Darstellung*). A autora adverte que deve ser observado

como a encenação do mundo em representação, - sua cena de escrita - sua *Darstellung* - dissimula a escolha e a necessidade de ‘heróis’, procuradores paternos e agentes de poder - *Vertretung* (p. 54).

A recomendação de Spivak dialoga com a de Bosi (1993), para quem:

Em termos acadêmicos de técnica de pesquisa, na verdade se combinam bem os procedimentos de ‘histórias de vida’ e ‘perguntas exploratórias’ desde que deixem ao recordador a liberdade de encadear e compor, à sua vontade, os momentos do seu passado.

Aqui se revela a mestria do pesquisador: uma pergunta traz em seu bojo a gênese da interpretação final; é uma verdade que não se pode negar. E no entanto a liberdade do depoimento deve ser respeitada a qualquer preço. É um problema sério de ética da pesquisa (p. 283).

Diante dessas advertências, tem-se que, se, por um lado, algum nível de edição é inevitável, e às vezes exercida pelo próprio informante, o entrevistador deve manter uma postura ética de forma a evitar comportamentos reforçadores ou

inibidores ou de acumpliciamento oportunizado por identificação grupal de forma a condicionar o resultado obtido.

Neste ponto, é oportuno recorrer às reflexões de Portelli (2010), acima antecipadas. Para esse autor, a entrevista é uma experiência de caráter transformador, em que a diferença preliminar entre informante e entrevistador troca de sinal e as posições de quem ensina e de quem aprende se invertem. (p. 05). Portelli define a entrevista como um momento utópico em que se imagina um mundo em que fosse possível supor que “camponês pobre e o professor catedrático fossem política e socialmente iguais”, e acrescenta

É um momento utópico e também um momento crítico, porque ser e conhece a injustiça social que tratamos de iluminar, de criticar e de destruir. Logo, não há técnicas de entrevista, mas éticas na entrevista: respeito, paciência, flexibilidade, paixão autêntica de conhecer os outros e de estar com eles em uma história compartilhada (...) (p. 06).

Em continuação ao exame das implicações éticas da entrevista, Portelli estende a necessidade proteger o informante para depois da entrevista, quando encerrada a instantaneidade do momento utópico de igualdade, reforçando a importância de que as palavras utilizadas pelo pesquisador permaneçam de propriedade dos entrevistados, ainda que não o sejam juridicamente:

A ética da entrevista, a ética da História Oral, não se resolve, portanto, com a obtenção de uma ficha com a autorização para publicar; ou isso é apenas uma proteção para nós, para que não possam levar-nos aos tribunais. Porém a coisa mais importante é que o respeito para com as pessoas e as palavras vivas com que trabalhamos prossiga, continue no trabalho publicação, no trabalho público (p. 08).

Com esses parâmetros éticos, Portelli esclarece o motivo para historiadores orais não terem espaço na academia e na política: o de terem levado a sério a tarefa de todo trabalho intelectual, que é o de falar a verdade ao poder.

## **V. II. ASPECTOS PSICOSSOCIOCULTURAIS DO MEIO RURAL**

Ao direcionar a atenção para o meio rural, o pesquisador se depara com uma situação de diferenciação multifacetada, cujo primeiro índice é o geográfico: o campo está sempre fora.

Zambenedetti e Sidoski (2021) propõem que não se trata de um espaço inexistente, mas invisibilizado (p. 86). Essa condição de exclusão e invisibilidade iguala as individualidades e suprime as diferenças existentes num grupo tido por

homogêneo. Os autores relatam, por exemplo, diferenças de gênero ao constatar ser mais comum que as mulheres procurem os serviços psicológicos, (p. 87) e diferenças materiais, ao registrar as condições de proprietário e não proprietário de terra, em que o último apresenta maior sofrimento psicológico decorrente dos vínculos trabalhistas; além disso, pontuam que, entre os proprietários, há a diferenciação entre os grandes e os pequenos proprietários, uma vez que estes vivem em condições mais incertas, pois sem vinculação trabalhista e totalmente dependentes do próprio trabalho e sujeitos à imprevisibilidade do êxito (p. 88).

Em estudo sobre os grupos sociais, Elias e Scotson (2021) dizem que “a auto-imagem e a auto-estima de um indivíduo estão ligadas ao que os outros membros do grupo pensam dele” (p. 40). A autopercepção, contudo, pode estar relacionada a processos externos que objetivam à manutenção de determinada exclusão. Ainda segundo esses autores, “a estigmatização (...) pode surtir um efeito paralisante nos grupos de menos poder” (p. 27).

Esse processo de estigmatização acarreta a culpabilização dos excluídos, segundo Ximenes (2020), em artigo sobre a pobreza e o trabalho rural:

O processo de construção e de manutenção de uma ideologia de submissão e resignação que impõe aos pobres visões naturalizadas e de autculpabilização pela sua situação, influenciam de forma potente na sua visão de mundo e na sua autopercepção (p. 7).

O mesmo cenário de exclusão e estigmatização é encontrado por Rosa e Navarro (2014), em estudo sobre o perfil de cortadores de cana na região de Ribeirão Preto:

Em Guariba ocorre um processo de "estigmatização" dos "de fora", que são marginalizados econômica, geográfica e socialmente. Tal marginalização se dá pela baixa renda, pelo local de moradia e pela rejeição e divisão social dos trabalhadores em relação aos "nativos" (p.146 ).

A humilhação social é também uma constante percebida por Fernandes et al (2016) em estudo sobre três comunidades rurais. Segundo os autores,

Essas vivências de humilhação social quando tentam ser elaboradas de forma solitária, sem a companhia de outros iguais que compartilham deste sofrimento, levam a soluções precárias como a narcotização, a medicalização, a culpabilização pelo desconforto de humilhação vivida (p. 294).

O abuso do álcool é uma das práticas comuns entre as mulheres em assentamentos estudados por Ebling e Silva (2020). Em um exemplo nítido da

relação entre estímulos e comportamentos, os autores referem condições ambientais que favorecem a adicção: a) dificuldades de acesso ao transporte; b) falta de lazer; c) isolamento e solidão pelas características territoriais; d) forte presença de bares nos assentamentos (p. 03).

Também em relação às mulheres em ambiente rural, Santos e Merlo (2019), constata que, mesmo com a aceleração das temporalidade que conduz ao abandono de práticas tradicionais e atividades costumeiras das populações rurais, práticas de diferenciação e subalternização do outro se conservam:

O uso do tempo no setor rural para as mulheres é afetado não somente pela necessidade econômica de maior produção, que implica aumento da jornada, mas porque seu tempo social é preenchido por mais atividades laborais. (p. 208)

Desses estudos, percebe-se que o alheamento geográfico se apresenta como fator potencializador das exclusões e discriminações existentes em meio urbano. Dessa forma, o trabalhador precarizado e a mulher do campo têm acrescido aos elementos de estigmatização o fator espacial.

Outro estrato social minorizado que tem sua situação agravada pela condição geográfica é o das crianças. Casimiro (2022) destaca circunstâncias dificultadores do aprendizado em meio rural:

A residência da maioria fica distante da escola, o que os obriga a fazer uso do transporte escolar; de outro modo, os alunos têm de trabalhar ainda muito novos para ajudar no financeiro da casa. Outro aspecto é o grau de escolaridade dos pais que, geralmente, não podem dar um auxílio quanto aos conteúdos ministrados (p. 13).

Marinho et al (2021) acrescentam a essas dificuldades a inadequação das estruturas e a precariedade das instalações escolares; mencionam ainda a dificuldade de acesso pelos professores (p. 853).

Os trabalhos relacionados até aqui colocam em diálogo o isolamento geográfico constatado por eles com a falta de lugar, no mundo globalizado, daquilo que está fixo e distanciado. Conforme propõe Bauman (2016), "*ser local en un mundo globalizado es un señal de penuria y degradación social*" (p. 09). O meio rural, portanto, com sua fixidez e seu distanciamento, carrega a marca da inadequação aos tempos atuais, marcas que transmite aos seus habitantes. Segundo Bauman,

---

*Hallarse en un espacio 'lejano' es una experiencia perturbadora; aventurarse a él significa salir de lo conocido, estar fuera del propio lugar y del propio elemento, atraer problema y temer daños (p. 22).*

O sinal de degradação social e penúria identificado por Bauman é também um índice de pobreza, sendo esta a raiz de um preconceito específico, a *aporofobia*, conforme proposto por Cortina (2017):

*La aporofobia es un tipo de rechazo peculiar, distinto de otros tipos de odio o rechazo, entre otras razones porque la pobreza involuntaria no es un rasgo de la identidad de las personas (p. 42).*

Não reconhecer o que está distante, apartado dos ambientes homogeneizados é, segundo Cortina, comportamento frequente:

*La tendencia a tomar posición en la vida cotidiana a favor de los mejor situados (...) y a dejar desamparados a los 'áporoi', (...) parece inscrita en la naturaleza humana y es la fuente de sufrimiento injusto. Tomar conciencia de ello y preguntar si es ése el tipo de personas que queremos es una cuestión de humanidad o inhumanidad (pp. 43-44).*

No atual estágio da economia globalizada, o que (ou quem) é local é diferente e, por isso, indesejável. Han (2017) afirma que:

*La extranjería es hoy indeseable por cuanto representa un obstáculo para la aceleración de información y de capital. (...) El trabajador no se reconoce ni en su producto ni en su actividad. Tanto más se empobrece el trabajador cuanto mayor riqueza produce (p. 63).*

Nesse cenário, ao meio rural resta difícil a tarefa de suprir as duas carências básicas que, segundo Malvezzi (2017), norteiam as investigações da Psicologia Social: a busca que ambos revelam de complementaridade e a expectativa de estabilidade social e afetiva no ambiente no qual estão. (p. 248) Ademais, diante da situação de duplo isolamento do trabalhador (alienação na produção e alheamento geográfico), seu trabalho parece não cumprir suas funções psicológica (autorrealização), econômica (sobrevivência) e social (cooperação no bem viver geral), elencadas pelo autor (p. 255).

Diante de todas as dificuldades listadas neste trabalho, é possível concluir a importância da atuação do profissional de psicologia nesse quadro. Dentre as suas muitas vertentes, a Psicologia pode servir de apoio ao trabalhador rural, seja pela identificação de comportamentos a extinguir ou a adotar (numa perspectiva da Análise do Comportamento), seja para a identificação e eliminação de preconceitos

(na perspectiva da Psicologia Social), ou ainda no auxílio a professores de escolas rurais.

Ronzani et al (2019) propõem, por exemplo, a utilização da Psicologia Comunitária em abordagem interdisciplinar:

A Psicologia Comunitária pode contribuir no fortalecimento do princípio da participação social, ampliando o diálogo entre as políticas públicas de saúde e os movimentos sociais do campo para assim alargar a democracia e o controle social. Intervenções psicossociais articuladas com a Estratégia da Saúde da Família, por exemplo, a partir da centralidade na família e direcionamento para a comunidade, podem contribuir na construção de ações intersetoriais de prevenção e promoção de saúde, troca de saberes, desenho de linhas de cuidado e projetos terapêuticos que envolvam e valorizem a comunidade na busca pela satisfação de suas necessidades de saúde (p. 73).

A proposta revela a possibilidade de a Psicologia auxiliar indivíduo e sociedade, mesmo em circunstâncias em que se verificam o alheamento e a segregação. Para usar a expressão de Bauman, modificando-a, ao profissional de Psicologia cabe a tarefa de “sair do conhecido”, enfrentar problemas e diminuir danos, pautando seu trabalho por uma postura ética que defenda a democracia e os direitos humanos, pois conforme Freire (2003), a um serviço ético de psicologia cabe:

Estar a serviço do outro que nos procura para poder assisti-lo em seu devir-outro e escutar sua alteridade, principalmente naquilo que o fará buscar qualidade de vida para si e para os outros (p. 14).

Neste ponto, é possível realizar a intersecção entre os dois eixos deste trabalho e identificar no registro da narrativa de vida dos trabalhadores rurais um mecanismo de transformação ética e política, dando voz aos comumente apartados e silenciados e aperfeiçoando sua autopercepção, num movimento que modifica o indivíduo e a sociedade, pois conforme apontam Rose et al, resgatando a lição de Skinner (2022, p. 31), “uma pessoa que tomou consciência de si por meio de perguntas que lhe foram feitas pela comunidade está em melhor posição para prever e controlar seu próprio comportamento”.(p. 203) Com melhor autoconsciência, aquele que foi silenciado e estigmatizado pode se apropriar de sua voz, responder às próprias perguntas, combater preconceitos e discriminações e contar a própria história, registrando-a como prova de sua individualidade e importância.

Encerra-se este referencial teórico, recorrendo-se à frase do filósofo Vladimir Jankélévitch, citada por Ricoeur (2020, p. 493): “Aquele que foi já não pode não ter

sido: doravante, esse fato misterioso, profundamente obscuro de ter sido é o seu viático para a eternidade<sup>2</sup>".

A citação se justifica na medida em que, realizados de modo ético, o suporte psicológico e o registro de narrativa de vida se mostram como ferramentas úteis no processo de autoconhecimento e reconhecimento da própria história, daquilo que poderá ser lembrado.

### **V. III. REGISTRO DE UMA NARRATIVA DE VIDA**

Após a revisão bibliográfica efetivada nos itens anteriores, foi colhido o depoimento de um informante ligado ao meio rural. Trata-se de um homem na casa dos vinte anos, branco, com nível superior completo, representante da terceira geração de uma família de produtores rurais.

O registro foi feito na propriedade em que o informante desempenha a função de agrônomo. Em breve introdução, é relatada a mudança de área do empreendimento familiar: há cerca de trinta e cinco anos, por razões econômicas, o cultivo de algodão foi substituído pela piscicultura. Percebe-se, portanto, influência das condições sociais na vivência do informante e de sua família.

Sobre as diferenças em relação ao trabalho urbano, é apontado o fato de certa imprevisibilidade das jornadas de trabalho na zona rural, diferentemente da cidade, onde os horários são preestabelecidos. Como vantagem, são indicados o ambiente silencioso e a qualidade do ar. Entre os pontos negativos, são apresentadas as dificuldades do trabalho sob o sol e a inesgotabilidade das atividades.

O entrevistado relata dificuldade em encontrar trabalhadores dispostos ao trabalho rural, uma vez que os empregos urbanos teriam condições mais confortáveis.

Sobre a presença feminina, diz que não enxerga diferença nas condições de trabalho dos homens e das mulheres. Relata que, no momento, há apenas uma mulher em atividade laborativa na propriedade, desempenhando atividades relacionadas à limpeza. Informa que, no futuro, com a instalação de um frigorífico,

---

<sup>2</sup> A frase, presente em *L'irréversible et la nostalgie* (1974), foi escolhida para constar da placa colocada na porta da antiga casa do filósofo: "*Celui qui a été ne peut plus désormais ne pas avoir été: désormais ce fait mystérieux et profondément obscur d'avoir vécu est son viatique pour l'éternité*".

deverá haver mais mulheres trabalhando, uma vez que esses postos raramente são preenchidos por homens.

Quanto às crianças que se utilizam do transporte escolar para ir à escola no período matutino, anota que elas precisam acordar mais cedo do que quem mora na cidade, pois o ônibus vai buscar bem cedo devido a distância da moradia à escola.

Na convivência com as pessoas do meio urbano, relata a diferença cultural referente a aspectos linguísticos, destacando ser o linguajar do campo diverso daquele utilizado na cidade.

Como profissional de nível superior, informa que o diálogo estabelecido entre o conhecimento acadêmico e os saberes dos produtores se mostrou produtivo em sua formação.

Ressalta, por fim, que não há como convencer alguém a abandonar a cidade para viver no campo, pois “é preciso gostar”.

Nas manifestações não verbais do informante, percebe-se que, embora tímido a princípio, o gestual e as expressões faciais denotam um estado de ânimo mais favorável à descrição das atividades de seu trabalho e das possibilidades de atuação como agrônomo e produtor rural.

## **VI- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da constatação de dois fatos aparentemente independentes (a disseminação de registros de histórias orais e a importância do meio rural no contexto econômico-social) chegou-se a uma situação problemática: a ausência de registros individuais de vivências em ambiente rural.

Com essa informação, foi realizada uma revisão bibliográfica que se dividiu em dois eixos. No primeiro, recorreu-se a artigos que abordassem o papel das narrativas de vida como ampliador do conhecimento da realidade, em razão de sua possibilidade de dar voz a atores frequentemente excluídos das versões oficializadas da história. Foram, assim, consultados artigos que auxiliassem na compreensão do fenômeno do registro de histórias orais e sua autonomia em relação à micro-história. A esse respeito, destaca-se a utilização dos artigos de Caselatto (2014, p. 252) e Carneiro (2020, p. 214).

Ao tomar o Museu da Pessoa como exemplo de iniciativa pioneira e bem-sucedida do registro de narrativas de vida, constatou que Henriques e Lara (2021, p. 213) apontam para a importância da musealização de histórias de pessoas anônimas, enquanto Jorente e Kahn (2019, p. 18-19) destacaram a informatização do processo de registro.

Sob a ótica da Psicologia Social, constatou que Veiga e Alves (2020, p. 3-4) defendem a postura de uma conversa franca na entrevista; Delgado (2007, p. 38), por sua vez, aponta o papel da memória como construtora de identidades e consciências.

Quanto às implicações éticas das entrevistas, devem ser consideradas as advertências de Spivak (2010, p. 54 e p. 283) e Portelli (2010, p. 5-6 e p. 8), que postulam a proteção dos entrevistados e de suas palavras.

No segundo eixo da revisão bibliográfica, foram consultados artigos que tratassem dos aspectos psicossocioculturais do meio rural. Zambenedetti e Sidoski (2021, p. 86) constataram a invisibilidade do meio rural, próprio de um contexto de exclusão social. Ximenes (2020, p. 7), Rosa e Navarro (2014, p.146) e Fernandes e Calegare (2016, p. 294) confirmam essa exclusão e documentam situações de estigmatização e humilhação.

No que diz respeito às mulheres em ambiente rural, Ebling e Silva (2020, p. 3) apontam o isolamento social como um dos fatores propiciadores do incremento do alcoolismo entre elas, enquanto Santos e Merlo (2019, p. 206-208) registram que o uso do tempo é afetado pela dupla jornada de trabalho (rural e doméstico).

Em relação às crianças, Casimiro (2022, p. 13) e Marinho, Schmidt e Vasconcelos (2021, p. 853) anotam aspectos sociais que dificultam seu desempenho escolar, como a distância das casas às escolas e a dificuldade de acesso pelos professores, que residem normalmente na zona urbana.

Percebe-se, portanto, que as situações encontradas pelos pesquisadores confirmam os trabalhos desenvolvidos por Bauman (2016, p. 9 e p. 22), Elias e Scotson (2021, p. 40) e Cortina (2017, p. 42 a 44) quanto à falta de lugar dos contextos locais num mundo globalizado, a estigmatização de grupos de menor poder e a aversão aos pobres (aporofobia), respectivamente.

Como possível intervenção, Malvezzi (2017, p. 248) aponta que a situação do trabalhador rural reflete as carências investigadas pela Psicologia Social. Ronzani et

*al.* (2019), por sua vez, propõem a utilização da Psicologia Comunitária em abordagem multidisciplinar. Além disso, registra-se a ênfase que Freire (2023, p. 14) dedicou a necessidade do estabelecimento de um serviço ético de psicologia.

Diante dos dois eixos analisados na revisão bibliográfica, chegou-se a que o registro de narrativas de vida de pessoas em ambiente rural constitui importante ferramenta para eliminação de estereótipos e de aperfeiçoamento da autopercepção, confirmando os ensinamentos de Skinner (2022, p. 31) sobre a autoconsciência.

Assim, é possível dizer que foram cumpridos os objetivos de identificar a influência dos estereótipos referentes ao trabalhador rural na recepção e seu tratamento pelos outros e no seu autoconhecimento e examinar as contribuições das Ciências Sociais, da Psicologia Social, da Análise do Comportamento e da Ética, para a compreensão e valorização das vivências das pessoas do campo, atingindo-se os resultados esperados referentes a esses objetivos.

Com relação à produção do registro de depoimento de trabalhador rural e consequente materialização de sua valorização por meio de apresentação de uma narrativa em que se sinta representado, é possível observar que a narrativa individual pode favorecer a quebra de estereótipos e preconceitos, pois tendentes a apresentar uma multiplicidade de realidades dificilmente encaixáveis em modelos prévios. Exemplo disso é o depoimento colhido neste trabalho, em que o informante apresenta características pessoais que se distanciam da estigmatização corrente; além disso, sua qualificação como proprietário possibilita o contato com um ponto de vista diverso dos registrados nos artigos examinados neste trabalho, por um lado, enquanto, por outro, corrobora indicações de especificidades da vida em meio rural, principalmente em relação às manifestações culturais, à natureza das atividades laborativas, ao distanciamento geográfico e às dificuldades da vida escolar.

Além disso, conforme consta nas anotações referentes às suas manifestações em linguagem não verbal, percebe-se que o ato de compartilhar informações a respeito de sua experiência como trabalhador rural apresenta consequências positivas para o informante/entrevistado, promovendo a melhora da autoestima e autoconhecimento.

Assim, é possível inferir que um maior número de depoimentos registrados possibilitaria incremento nos dois resultados positivos da prática: o

autoconhecimento dos informantes com a consequente valorização pela sociedade e informações mais amplas e pormenorizadas sobre esse grupo social.

## VII. REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z.. **La globalización, consecuencias humanas**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2016, sexta reimpressão.

BOSI, E. **A pesquisa em memória social**. Psicologia USP, [S. l.], v. 4, n. 1-2, p. 277-284, 1993. DOI: 10.1590/S1678-51771993000100012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34480>. Acesso em: 20 ago. 2023.

CARNEIRO, D. F. **“A Microstoria italiana e os desafios biográficos na historiografia recente (1980-2000)”**. Locus: Revista de História, 26, n. 1 (2020): 211-234.

CASELLATO, A. **L'orecchio e l'occhio: storia orale e microstoria**. L'orecchio e l'occhio: storia orale e microstoria, p. 250-278, 2014.

CASIMIRO, E. R. **Motivação e aprendizagem de língua inglesa: o caso de uma escola rural do estado do e Tocantins**. Porto das Letras, v. 8, n. 4, p. 220–235, 23 dez. 2022. Disponível em <Vista do Motivação e aprendizagem de língua inglesa: o caso de uma escola rural do estado do e Tocantins(uft.edu.br)>. acessos em 23 ago. 2023.

CORTINA, A. **Aporofobia, el rechazo al pobre. Un desafío para la democracia**. Buenos Aires: Paidós, 2017.

DIAS, F. A.; REGO, S.. **Estudo sobre a formação ética dos estudantes de psicologia**. Research, Society and Development, v. 9, n. 4, p. e22942978-e22942978, 2020.

DELGADO, L. de A. N. **História oral - Memória, tempo, identidades**. Disponível em: Minha Biblioteca, Grupo Autêntica, 2007, pp, 33-44.

EBLING, S. B. D.; SILVA, M. R. S. Da. **O consumo de álcool entre mulheres que vivem em contextos rurais**. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 73, p. e20190612, 21 set. 2020. Disponível em: <SciELO - Brasil - Alcohol consumption among women living in rural contexts Alcohol consumption among women living in rural contexts>. acessos em 23 ago. 2023.

ELIAS, N.; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro, Zahar, 2021, 9ª reimpressão.

FERNANDES, S.L. Z., D e CALEGARE, M.G.A. **Humilhação Social e Contextos Rurais: discussões a partir de pesquisas em três comunidades rurais**. PSICOLOGIA POLÍTICA. VOL. 16. Nº 37. PP. 287-303. SET. – DEZ. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v16n37/v16n37a04.pdf>. Acesso em ago. 2023

Freire, P. **Educação Como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002

HAN, B.-C. **La expulsión de lo distinto**. Barcelona: Herder Editorial. 2018, 4ª impressão.

HENRIQUES, R.; LARA, L. F. de. **Os museus virtuais e a pandemia do covid 19: a experiência do Museu da Pessoa**. *Museologia & Interdisciplinaridade*, [S. l.], v. 10, n. Especial, p. 209–220, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/35924>. Acesso em: 20 ago. 2023.

JORENTE, M. J. V.; KAHN, K. **Histórias de vida como fato museal tratado pelo Design da Informação na Curadoria Digital no Museu da Pessoa**. *Biblios*, Pittsburgh, n. 75, p. 16-27, abr. 2019. Disponível em <[http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1562-4730201900020002&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1562-4730201900020002&lng=es&nrm=iso)>. acessado em 27 agosto 2023.

MALVEZZI, S. **Os hífen da relação eu-outro e homem-trabalho no século XXI**. In: SILVA JÚNIOR, Nelson da; ZANGARI, Wellington. *A psicologia social e a questão do hífen*. São Paulo: Blucher, 2017. cap. 17, p. 246-263. ISBN 978-85-803-9235-7. *E-book*.

MARINHO, P. R. R.; SCHMIDT, M. L. G.; VASCONCELOS, M. S. **Trabalho e Educação: Um Estudo de Caso com Professores de Escolas Rurais**. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 850-868, dez. 2021. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-4281202100030002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-4281202100030002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 20 ago. 2023. <http://dx.doi.org/10.12957/epp.2021.62686>.

**oral history**. (n.d.) The Columbia Electronic Encyclopedia®. (2013). Retrieved October 14 2023 from <https://encyclopedia2.thefreedictionary.com/oral+history>.

PORTELLI, A. **História Oral e Poder**. *Mnemosine*, [S. l.], v. 6, n. 2, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/41498>. Acesso em: 14 out. 2023.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2020, 8ª reimpressão.

RONZANI, Telmo Mota; MENDES, K. T.; PÁVEL, C.; LEITE, J. F.. **Contextos rurais e Psicologia Comunitária: um encontro possível e necessário**. *Instituições, saúde e sociedade: contribuições da Psicologia*, p. 59-79, 2019.

ROSA, L.; NAVARRO, V. **Trabalho e trabalhadores dos canaviais: perfil dos cortadores de cana da região de Ribeirão Preto (SP)** 1. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 17, n. 1, p. 143–160, 2014.

ROSE, J. C. C. de; BEZERRA, M. S. L.; LAZARIN, T.. **Consciência e autoconhecimento**. In: *Temas clássicos da psicologia sob a ótica da análise do comportamento*. 1. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. cap. XIII, p. 188-207. *E-book* (209 p.).

SANTOS, M. G. dos; MERLO, Á. R. C. **Temporalidades rurais: trabalho feminino, sentidos e organização do tempo.** Cad. psicol. soc. trab., São Paulo, v. 22, n. 2, p. 199-216, dez. 2019. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-37172019000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172019000200006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 26 ago. 2023. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v22i2p199-216>.

SKINNER, B.F. **Sobre o Behaviorismo.** São Paulo: Cultrix, 2022, 10ª edição (2006), 12ª reimpressão.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VEIGA, A. C. da; ALVES, C. P.. **O relato de história de vida à luz do pensamento de Walter Benjamin: contribuições aos estudos de identidade.** Psicologia USP, v. 31, p. e190072, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190072>. Consultado em 26/08/2023.

XIMENES, V. M. et al. **Relações entre pobreza e bem estar em comunidades rurais do Brasil.** Psicología, Conocimiento y Sociedad, v. 10, n. 1, p. 101–124, 29 maio 2020. Disponível em: <Relações entre pobreza e bem estar em comunidades rurais do Brasil | Morais Ximenes | Psicología, Conocimiento y Sociedad>. acessos em 23 ago. 2023.

ZAMBENEDETTI, G.; SIDOSKI, V.. **Modulações entre Psicologia, saúde pública e contextos rurais.** Estudos de Psicologia, 26(1), janeiro a março de 2021, 82-93.